

## NÍVEL DE ATIVIDADE

# Consumo interno deve determinar crescimento

Sabrina Lorenzi/InvestNews,  
Christiane Bueno Malta e Eva  
Rodrigues  
do Rio e São Paulo

Depois da retração histórica no primeiro semestre, o consumo dos brasileiros é a aposta dos economistas para a retomada do crescimento. Sinais de melhora na renda dos trabalhadores, inflação em queda e o corte nos juros básicos da economia baseiam a crença de que o País sairá do processo recessivo via demanda interna.

Por enquanto, a renda se recupera a reboque da inflação baixa. Mas a partir de dezembro entra num ciclo de crescimento que alcançará pelo menos 12% no longo prazo, alavancada pelo alívio da política monetária, segundo mostra estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O chefe do departamento, Marcelo Cortes Neri, traça um paralelo entre o juro real e as diversas variáveis da economia, entre elas o rendimento. Com base na análise de vinte anos de trajetória dos indicadores, o especialista observa que o efeito dos juros leva de três a quatro meses para se pronunciar sobre emprego e renda.

Com a queda dos juros reais para 14,2% e tendência de chegar a 12% no final do ano, os investimentos tendem a voltar a crescer, aumentando empregos e salários. "O consumo tende a reagir aos juros mais pela renda — em função das decisões de investimento — do que pela taxa em si. O consumidor é mais sensível ao impacto da prestação no seu salário do que ao percentual de juros a ser pago", conclui Neri.

A Tendências Consultoria aposta em moderada recuperação da economia no segundo semestre. O economista para assuntos de atividade econômica da empresa, Juan Jensen, reduziu de 1% para 0,5% a estimativa de crescimento para este ano. Para 2004, a aposta também é mais conservadora que a do governo: a Tendências aguarda incremento de cerca de 2,7%. "Neste segundo semestre, tudo o que vai acontecer na economia depende do

consumo, pois os efeitos positivos das exportações no PIB já se esgotaram", avalia o economista.

O nível de atividade no País está hoje num ponto de inflexão, como define o analista da LCA Consultores, Francisco Pessoa Faria. "Os dados ainda estão meio confusos, com alguns setores indo bem, outros ainda meio mal, não há uma clareza da direção a ser tomada. De qualquer forma, o cenário é bom porque antes era claramente ruim", pondera.

Os sinais positivos podem ser visualizados em segmentos de bens duráveis como o da linha marrom, que vem aumentando vendas. Ou pelo Indicador de Nível de Atividade (INA) medido mensalmente pela Fiesp, que em julho registrou vendas melhores que a produção, ou seja, estoques sendo desovados na indústria de transformação paulista.

Para o coordenador do IPC da Fipe/USP, Heron do Carmo, a redução da Selic contribuiu para que houvesse mais tranquilidade em relação à expectativa de preços. Ele avalia que a recuperação do nível de atividade e a inflação devem encontrar equilíbrio, ou seja, a melhora no setor produtivo não deve gerar pressões inflacionárias. "Ocorre que a demanda ainda está contida diante da redução do poder aquisitivo da população. Além disso, a taxa de juros continuará alta e o governo deve manter a restrição fiscal."

O consultor da LCA também alerta que a melhora esperada não virá de forma homogênea entre os diversos setores. "O cenário vai experimentar uma melhora gradual e em ritmo mais ou menos rápido nos diferentes segmentos", aponta, ao indicar o consumo de bens duráveis mais baratos e de bens não duráveis como os de reação mais rápida diante da queda dos juros e da melhora da confiança observada no consumidor. "Já as vendas de automóveis ou o setor da construção civil devem demorar um pouco para se recuperar, o que deve ocorrer quando o cenário estiver mais definido."